

# Ausentes da Constituinte ganham sem trabalhar

AGÊNCIA ESTADO

Quando a Constituinte foi instalada, o deputado Aragão de Mattos Leão (PMDB-PR) não gostou de sua indicação para a Subcomissão dos Direitos das Minorias e resolveu não frequentar com muita assiduidade as sessões. Médico, dono de hospital em Guarapuava, no Paraná, e fazendeiro, Mattos Leão preferia defender a privatização dos serviços de saúde na Comissão de Saúde. Se Mattos Leão não vai ao plenário da Constituinte por ter ficado descontente com a missão para a qual foi escalado pelo líder da bancada, senador Mário Covas (PMDB-SP), seu colega de partido Felipe Cheidde (PMDB-SP) prefere adotar uma desculpa mais genérica: ele não concorda com nada do que está sendo feito lá e não vai, segundo garante, em sinal de protesto.

Mattos Leão e Felipe Cheidde são apenas dois sócios do seletor clube cujo quadro social não deve ser superior a 50, mas também não é inferior a 30, dos constituintes que, embora eleitos para redigir o mais importante pacto político da República brasileira nos últimos 40 anos, preferem ficar em suas cidades cuidando de seus negócios a viajar para Brasília e comparecer ao trabalho, apesar de insistentes apelos do deputado Ulysses Guimarães. Uma estrela dessa constelação de faltosos é o recordista absoluto em faltas Mário Bouchardet (PMDB-MG), um gazeteteiro renitente. Como seus cole-

gas de clube, ele só apareceu e brilhou na Constituinte na superperfeição, quando o quórum foi total e absoluto. Em quase todas as outras sessões, ele simplesmente desaparece, como, aliás, desapareceu em Belo Horizonte, onde estão as sedes de suas empresas, e Visconde do Rio Branco, no interior de Minas, onde nasceu e, pelo menos teoricamente, reside.

Os gazeteteiros da Constituinte não têm motivos para comparecer ao trabalho, ao contrário dos outros 58 milhões de trabalhadores brasileiros que têm suas faltas punidas com o não-pagamento dos dias parados. Mesmo sem comparecer ao emprego, o deputado baiano Jairo Carneiro (PFL-BA) e seu colega Raul Belém (PMDB-MG) têm assegurado seu direito de retirar mensalmente de sua conta, na agência do Banco do Brasil no Congresso, Cz\$ 861.520,51, o mesmo subsídio pago a trabalhadores contumazes que não perdem uma sessão na Constituinte, como José Genoíno (PT-SP), José Serra (PMDB-SP), Guilherme Afif Domingos (PL-SP), Francisco Arnelles (PFL-RJ), Delim Netto (PDS-SP), Fernando Santana (PCB-BA), Luiz Inácio Lula da Silva (PT-SP) e Florestan Fernandes (PT-SP), que abandonou até suas atividades acadêmicas para dedicar-se às novas tarefas. Ganham os que comparecem e os que faltam, iguais também na isenção do Imposto de Renda, privilégio que a Constituição em elaboração vai extinguir.

Mattos Leão, pertencente a

uma tradicional linhagem de políticos paranaenses, teve 66 mil votos nas últimas eleições graças à força do sobrenome em Guarapuava, cuja prefeitura ele deverá disputar pelo PTB. Pois fama de ausente ele tem desde os tempos de deputado estadual pela Arena (1974/78).

O baiano Jairo Carneiro, é acusado pelos seus adversários de não conseguir orientar-se nos corredores do Congresso Nacional. Primeiro do ex-governador João Durval Carneiro, teria, segundo os mesmos adversários, apadrinhado seis mil dos 30 mil novos funcionários contratados pelo governo da Bahia às vésperas das eleições municipais de 1985. Graças à eficiência de maquinistas nos "trens de alegria", Carneiro reuniu 34 mil votos que lhe garantiram um assento no plenário da Constituinte — assento muito pouco usado, aliás. Isso porque, apesar de eficiente na nomeação de apaniguados, Carneiro não tem o dom da ubiquidade: ele não vai à Constituinte porque prefere bronzear-se na praia, em Salvador, de onde só saiu para, sem calção e devidamente representado, votar a favor do presidencialismo e dos cinco anos de mandato presidencial, cumprindo ordens do ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães. A exemplo do que fez seu colega de serviço Mattos Leão, que, votando pelo presidencialismo, garantiu o lugar de seu tio, João de Mattos Leão, ex-senador pela Arena, numa vice-presidência do Banco do Brasil. (Demóstenes Teixeira, de Salvador, e Luiz Fernando Sá, de Curitiba)

## Pastor só anda com carteirinha

WANDERLENE DE CARVALHO

Pastor aplicado, Mário de Oliveira anda sempre com uma Bíblia. Mas, mais do que a Bíblia, a companhia inseparável do deputado é sua carteirinha de constituinte. É a melhor forma de identificação que pode ter, já que seu rosto não é conhecido dos funcionários do Congresso ou dos jornalistas que comparecem a sessões da Constituinte, onde raramente ele vai, apesar de ter recebido 37.765 votos para cumprir essa tarefa.

Os 37.765 eleitores que votaram em Mário de Oliveira (PMDB-MG), paulista de Júlio de Mesquita, 43 anos, solteiro, estão habituados a ouvir sua voz não em debates acalorados sobre questões nacionais, mas pelo rádio. "Coloque suas mãos sobre o rádio. Está formada a cadeia da prece", apela diariamente, às 6 horas, essa voz, pela Rádio Itatiaia, líder de audiência em Minas. Gravado com quatro meses de antecedência, o programa é o único contato que o pastor e político tem com seu público e eleitorado fiel. Se não comparece com assiduidade ao plenário da Constituinte, Mário de Oliveira não é também um frequentador assíduo de suas bases: raramente pode ser encontrado em sua casa de estilo colonial, em Belo Horizonte, onde mora com a mãe, Margarida Genaro.

Na quarta-feira, dia 13 de abril, ele foi encontrado em Belo Horizonte, onde pôde ser fotografado equipado com sua indefectível carteirinha de constituinte. Estava também armado de uma boa desculpa para não se ter apresentado ao trabalho, distante mais de 600 quilômetros de sua casa: dizia-se vítima de uma prostatite, que lhe garantiu cinco dias de licença médica. A doença, contudo, não o impediu de viajar, no dia seguinte, para São Paulo, onde participaria da reunião do Conselho da Igreja do Evangelho Quadrangular, da qual é o dirigente máximo em Minas.

Mário Bouchardet (PMDB-MG), eleito com 40.110 votos mineiros, é mais sincero. A quem lhe perguntar sobre a falta de vontade de comparecer às sessões da Constituinte, tem uma resposta pronta: "Estou tomando conta dos meus negócios e não tenho tempo de ouvir conversa fiada de constituinte". Por conta disso, já ameaçou até não assinar a Constituição, quando ficar pronta.

Negócios não faltam para o recordista em ausência tomar conta: é um rico usineiro na Zona da Mata mineira (possui duas usinas de açúcar e uma detilária de álcool). Além disso, dirige uma empresa de comércio e representação. Sua esposa, Aurea, instalada no luxuosíssimo apartamento de cobertura num prédio com pomar, piscina e circuito interno de TV, no bairro da Serra, zona Sul de Belo Horizonte, e seus assessores, em Brasília ou na capital mineira, fazem parte de um eficiente esquema de despistamento que evita seus contatos com a imprensa: em Brasília, diz-se sempre que está em Minas. E vice-versa.

Este, aliás, é um método bastante utilizado pelos gazeteteiros na Constituinte. Milton Lima Filho (PMDB-MG), 54 anos, advogado e agricultor no Triângulo Mineiro, eleito com 41.833 votos, só vai para casa, em Araguari, nos fins de semana em que não há votação, segundo depoimento de Tereza, suas esposa. Em Belo Horizonte, onde mora a filha Maria Teresa, informa-se que o constituinte passa a semana em Araguari. Sua assessoria, no gabinete no anexo IV da Câmara dos Deputados, tem uma resposta sempre pronta para quem perguntar por ele: está no plenário ou em Belo Horizonte.

Ao contrário do oni-ausente Milton, o deputado Raul Décio de Belém Miguel (PMDB-MG), empresário, fazendeiro, 50 anos, é um onipresente. Quando alguém lhe telefona para os escritórios em Brasília, Belo Horizonte ou Araguari, a resposta é uma só: "Ele está para chegar" nos três lugares, ao mesmo tempo. Um empregado seu tem uma explicação talvez mais realista, uma vez que não é plausível que Belém, apesar do nome, tenha recebido o dom da ubiquidade: sua paisagem favorita não é a do plenário da Câmara dos Deputados, onde funciona a Constituinte, mas a de um cafezal de 400 mil pés, com cujos lucros complementa os subsídios de deputado. Belo Horizonte/Agência Estado.



O pastor Mário, com sua carteirinha de constituinte

## Cheidde explica sumiço e não está constrangido

MARLI OLMOS

"Eles não vão atrás dos bandidos nem de quem faz abuso do poder. Vão querer cassar justamente o mandato de um parlamentar que não vota por não concordar com o que está sendo feito na Constituinte?" É assim que reage Felipe Cheidde, do PMDB de São Paulo, o segundo deputado mais ausente nas sessões da Constituinte, diante dos que o ameaçam com a cassação de seu mandato. Cheidde se diz um "ausente consciente", que não busca "desculpas" para justificar suas faltas.

"Trata-se de um protesto. Não sou negligente", defende-se o milionário deputado, dono de empresas, fazendas, helicóptero, um Mercedes e de uma paixão enorme pelo futebol. Cheidde se diz um autêntico desportista, que teve o primeiro confronto direto com a Constituinte ao ver rejeitado seu pedido de integrar a Comissão de Esportes e turismo, onde poderia aplicar seu amplo conhecimento no assunto em benefício do setor.

Acumulando 27 anos na presidência do Esporte Clube São Bernardo, do qual é agora vice-presidente, e ainda a experiência de 20 anos como técnico de futebol, Cheidde sentiu-se "marginalizado" e garante não sentir constrangimento algum por não participar das sessões onde os parlamentares repre-

sentam "vaquinhas de presépio que apertam botões para referendar o que já está predeterminado".

O segundo constituinte mais ausente faz ironia com a colocação que ocupa, garantindo torcer para que Mário Bouchardet, do PMDB de Minas Gerais — o deputado mais ausente — comece a frequentar as sessões, para que, assim, ele possa conquistar o primeiro lugar nesse ranking pouco cobiçado. Mas fala sério quando garante que seu protesto é favorável "ao povo".

Afinal, justifica Cheidde, ele estava presente à votação sobre o sistema de governo — onde votou em favor do presidencialismo — porque era uma questão "importante para o País", além de que não fora fechada antes da votação em plenário.

Contrário aos avanços sociais determinados na Constituinte, como a redução da jornada de trabalho e a licença paternidade, Cheidde se diz autor de uma emenda que dava ao maior de 16 anos não só o direito de votar, mas também o de responder criminalmente. Orgulha-se de ter elaborado 17 projetos de lei somente durante a Constituinte — "mais do que muitos parlamentares que não faltam às sessões".

Por se considerar politicamente, mesmo passando direto pela sala do plenário quando vai a Brasília, Cheidde afirma que é parabenizado "pelos próprios companheiros", quadro em que certamente não se enquadra o petista Luiz Inácio da Silva nem os parlamentares mais "progressistas".

Abominado pela esquerda, Felipe Cheidde ressalva, taxativo: "Lula e eu nos digladiamos, mas eu tenho de respeitar esse homem". Reconhecendo que o deputado petista abocanhara muitos dos votos que ele pretendia ganhar do ABC paulista — reduto do PT — nas últimas eleições, Cheidde admira a ascensão de um operário metalúrgico.

Ele mesmo nasceu pobre. Seu pai vendia laranjas num campo de futebol em Fernão Dias, município do Interior de São Paulo, onde tomou gosto pelo esporte. Fez carreira no futebol e chegou a uma fortuna que hoje não consegue nem calcular. Aos 51 anos de idade, Cheidde gosta de jogar em cassinos no Exterior, chegando até a fretar aviões para levar também os amigos.



Cheidde, na luta pelo n° 1

ABC/Agência Estado